

Cantos Gregorianos

Qualidade de
VIDA
especial

Série Música e Fé
Ano I Número 7 R\$ 11,90

Músicas Sagradas

O que são os cantos gregorianos, sua história, formas musicais e por que são considerados canções divinas

NO CD: CANÇÕES CELÉSTIAIS

Belos cantos de louvor e oração gravados no Mosteiro de São Bento

Trabalho e oração

O dia-a-dia dos monges dentro dos claustros do mosteiro

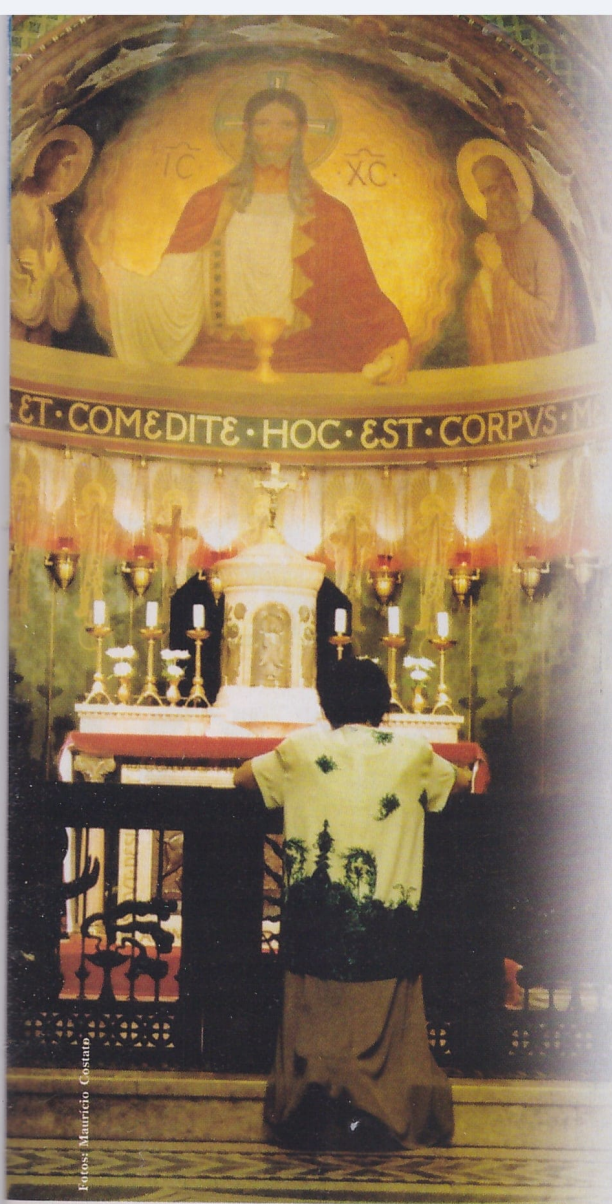
Mosteiro de São Bento

Um dos pontos mais visitados de São Paulo, é onde vivem os mais conhecidos cantores de gregoriano do Brasil

“O gregoriano é, sobretudo, oração”

Uma entrevista exclusiva com D. João Evangelista, um dos monges do coro de São Bento





Fotos: Maurício Costano

Música celestial

Se há algum tipo de música que toca nos céus, provavelmente é o canto gregoriano. Estas canções sacras milenares surgidas com os primeiros cristãos encantam até hoje. A música em coro cantada em perfeita sincronia, os tons graves e agudos que se revezam, a força do solista, a beleza do órgão que acompanha... Tudo convida à paz, ao silêncio e ao exercício da fé. Nesta edição especial da *Qualidade de Vida*, quisemos levar a todos o espírito de tranquilidade que o gregoriano proporciona. Descobrimos suas raízes, dissecamos suas características e fizemos um levantamento completo sobre a vida dos cantores de gregoriano mais famosos do País: os monges do Mosteiro de São Bento. No CD, reunimos algumas pérolas gravadas nas célebres missas do mosteiro. Esperamos que você goste e aproveite!

Boa leitura e até a próxima edição,

REDAÇÃO QUALIDADE DE VIDA – ESPECIAL CANTOS GREGORIANOS

Índice

04 As raízes de um canto sagrado

Um levantamento histórico completo sobre as origens dos cantos gregorianos

07 Música dos céus...

As características do gregoriano e suas formas musicais

08 A construção de um local iluminado

Mosteiro de São Bento: conheça o local onde vivem os monges cantores mais famosos do Brasil

12 “O gregoriano é, sobretudo, oração”

Uma entrevista exclusiva com Dom João Evangelista, explicando títim por títim sobre estas canções celestiais

14 Vida monástica: trabalho e oração

O dia-a-dia impressionante dos monges que vivem enclausurados no mosteiro

17 Guia do CD

O responsável pela iniciativa de registrar a beleza dos cantos gregorianos do Mosteiro de São Bento

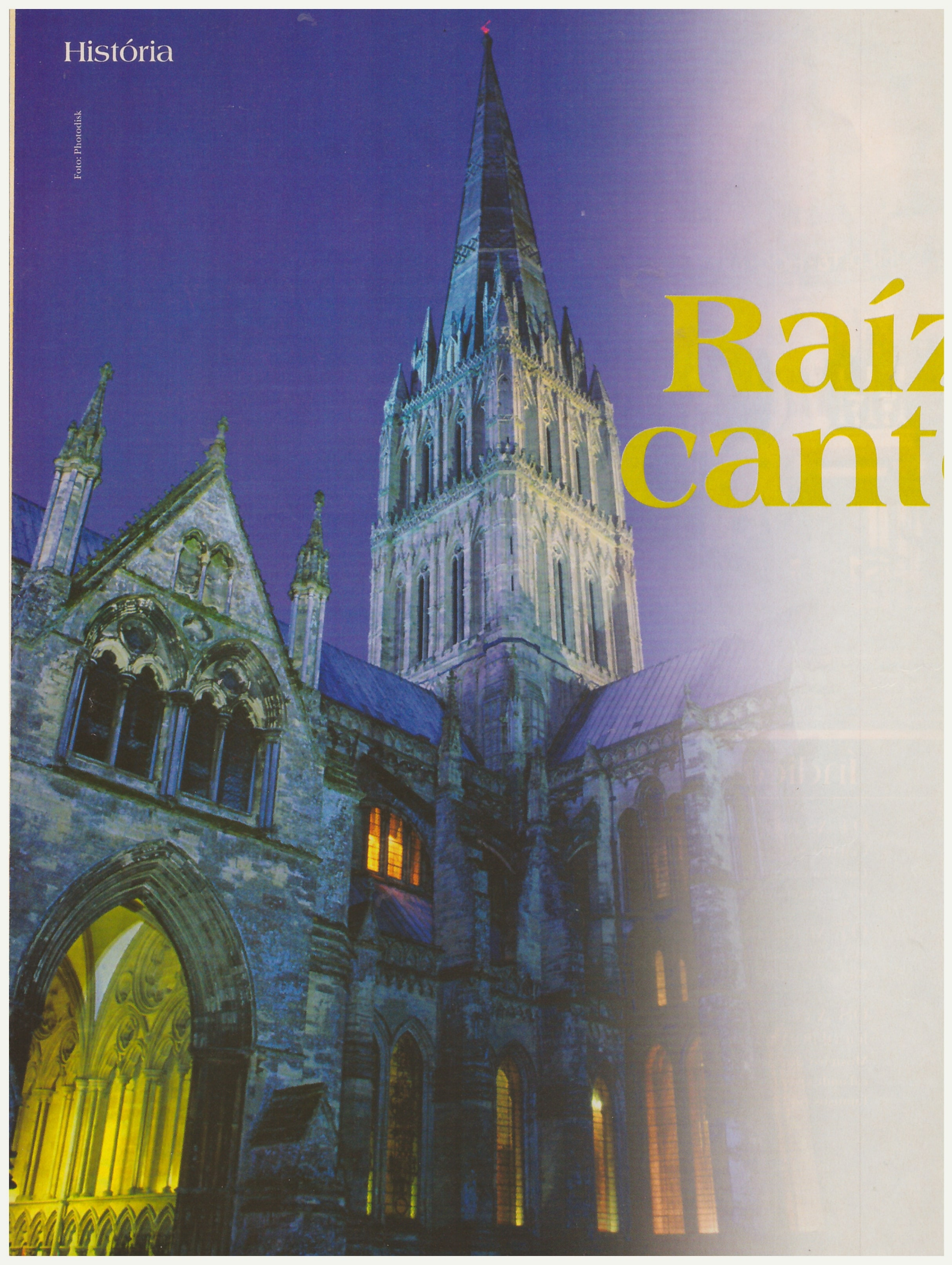
18 Serviços



História

Foto: Photodisk

Raíz cant



es de um o sagrado

O período de formação do canto gregoriano vai do século I ao VI, atingindo o seu auge nos séculos VII e VIII. Já nos séculos IX, X e XI, princípio da Idade Média, começa a sua decadência. Saiba mais detalhes desta história

O canto gregoriano é a forma mais antiga de música ainda em uso no Ocidente. Ele surgiu com os primeiros cristãos, que, sofrendo inúmeras perseguições, eram obrigados a realizar seus ritos em catacumbas. Ali a sua sensibilidade e espiritualidade se transformavam em música. Em 313, quando o Imperador Constantino concedeu liberdade religiosa aos cristãos, todas as formas de culto mudaram. Em 391, a Igreja Cristã foi declarada Igreja do Estado do Império Romano, e cantores profissionais asseguraram que as melodias religiosas se disseminassem através de toda a nova Igreja.

Nos séculos V e VI, uma tradição oral tinha se processado em áreas litúrgicas autônomas. O nome canto gregoriano surgiu como uma homenagem ao papa Gregório Magno (590-604), que fez uma coletânea de peças, publicando-as em três livros: Graduale (cantos solos e corais para todas as festas católicas); Kyriale (cantos para as

partes fixas das missas); e Antiphonale (cantos, hinos e orações dos monges). Além disso, ele também iniciou a “*Schola Cantorum*”, um grupo dos ministros que se dedicava exclusivamente às basílicas romanas, e que contribuiu enormemente no desenvolvimento do canto gregoriano.

O Auge

Durante o século VIII, o coração político da Europa Ocidental se moveu para o reino dos Francos, o que teve suas repercussões também sobre a música da Igreja. Em 754, Pepino, o Breve, enviou o monge beneditino Chrodegang, bispo de Metz, a Roma. Chrodegang ficou muito impressionado pela liturgia nas missas papais, que estavam no seu cume artístico por aqueles dias. O bispo, sem dúvida, se lembrava das tradições piedosas em Metz, e persuadiu o Papa Estêvão II a acompanhá-lo à França para colocar as coisas em ordem.

A importância do texto

O canto gregoriano se baseia antes de tudo sobre o texto. Suas raízes estão nos textos litúrgicos que são lidos em voz alta. A principal prioridade de qualquer cantor ou coro deve ser sempre a clareza e a inteligibilidade. As palavras, as sentenças e os constituintes são parte de um todo completo e tem de ser cantadas daquele modo. Para garantir a pronúncia adequada, o canto gregoriano está ligado indissolavelmente ao latim.

Cantores romanos (entre eles, o famoso cantor Simeon) seguiram o papa para o Norte, onde introduziram seu repertório. Os cantores francos imitaram seus colegas com grande criatividade: tomaram a estrutura melódica básica (Cantilena Romana), mas acrescentaram algumas fórmulas tipicamente gaulesas. Este processo resultou num incrível enriquecimento musical.

Na segunda metade do século VIII, a aproximação política entre o reino francês e o papado possibilitou um maior conhecimento da liturgia romana. A coroa francesa decretou, então, sua adoção em todo o reino. Nota-se neste tempo que os primeiros registros escritos começam a aparecer primeiramente na França, depois sobre todo o império e além. Apesar das diferenças gráficas, a uniformidade do conteúdo mostra uma leitura única de uma tradição inteira. Os textos (palavras e algumas notações musicais) escritos nos livros transformam-se em um texto oficial de referência. O fascínio geral do canto romano com sua arquitetura modal passa a atrair os músicos gauleses, que, então, utilizam-no de uma maneira completamente diferente.

No começo, os registros serviram como uma espécie de memória, para garantir performance e interpretação adequadas. Os tons musicais ainda eram ensinados “de ouvido”. Com o aumento gradual de indicações nos manuscritos, porém, houve uma diminuição no papel da memória oral. Em consequência, o canto gregoriano caiu na decadência completa no final da Idade Média: os manuscritos oferecem pouco mais do que “*uma sucessão pesada e maçante de notas quadradas.*”

O Resgate

Foi no Renascimento que o canto gregoriano foi redescoberto.

As melodias foram “corrigidas” pelos estudiosos de música da Igreja, assim como as composições literárias, que são o texto oficial da liturgia romana. O resultado que persistiu por 200 anos é conhecido como o “canto simples”.

A Abadia Beneditina de Solesmes, na França, entre Les Mans e Angers, foi pioneira na revitalização do canto gregoriano a partir de 1833. O enorme trabalho empreendido pelos monges resultou em publicações mais tarde declaradas livros oficiais da Igreja Católica Romana.

Capital mundial do canto gregoriano

A escrita manual dos manuscritos originais era indecifrável naquele tempo. Mas a invenção da fotografia trouxe logo benefícios não previstos e, pouco a pouco, formou-se uma coleção incomparável em Solesmes.

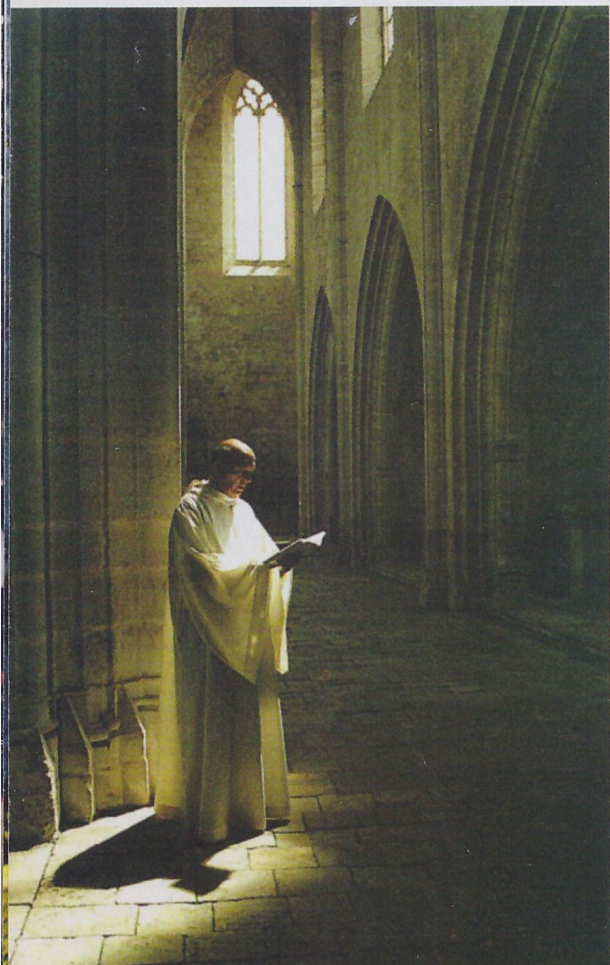
A partir da iniciativa de Dom Mocquereau, no final do século XIX, o Mosteiro de São Pedro de Solesmes, na França, passou a ser o grande centro de estudos e prática do canto gregoriano. Seus monges, na época, deram início a um trabalho de paleografia (estudo dos manuscritos antigos) de canto gregoriano e de recuperação dos sinais escritos nos séculos VIII e IX.

Depois, surge a semiologia gregoriana, que é a interpretação dos sinais, buscando uma interpretação mais autêntica do canto gregoriano. No começo do século XX, o papa Pio X pede aos monges beneditinos para fazerem uma edição moderna à luz dos manuscritos, surgindo então a Edição Vaticana. Em 1985, foi lançada uma outra edição chamada “Graduale Triplex” (Gradual Tríplex) com as três notações do canto gregoriano: a Vaticana, a de Laon (França) e a de Saint Gall (Suíça).

Tempos contemporâneos

Em 1994, houve uma “redescoberta” do canto gregoriano quando foi lançado pela gravadora EMI, em CD, um disco que havia sido gravado há mais de 20 anos pelos monges do Mosteiro de Santo Domingo de Silos, norte da Espanha. O disco alcançou o primeiro lugar em vendas em vários países, atingindo a marca de cinco milhões de cópias vendidas.

Depois deste sucesso foram lançados vários CDs por monges ou corais leigos.



A construção de um local iluminado

Situado no Largo de São Bento e numa das extremidades do Viaduto Santa Ifigênia, o Mosteiro de São Bento é um dos pontos mais visitados do centro de São Paulo. Um lugar que prima por sua beleza e intriga pela vida incomum de seus monges



O edifício atual, o quinto do mosteiro, teve a sua construção iniciada em 1911 e terminada em 1922. Além de pinturas, esculturas e vitrais, há no mosteiro uma cruz barroca datada de 1777 e a Virgem de Kasperovo, datada de 1893, trazida por refugiados russos. E não é só a estrutura física do mosteiro que impressiona. Todos os dias, no final da tarde, e aos domingos, pela manhã, é possível assistir às celebrações litúrgicas acompanhadas dos cantos gregorianos. Uma pequena amostra destas canções, você confere no CD exclusivo que preparamos. Enquanto ouve, que tal conhecer a história deste lugar tão especial?

Primórdios

Os monges beneditinos chegaram a São Paulo em 1598. Àquela altura, a Companhia de Jesus e a Ordem do Carmo eram as únicas ordens religiosas em São Paulo.

Fr. Mauro Teixeira foi o primeiro beneditino a chegar à cidade. Natural de São Vicente, litoral do Estado, ele foi discípulo direto do jesuíta Pe. José de Anchieta. Depois que índios tamoios, num ritual de canibalismo, mataram seus familiares, Fr. Mauro entrou no Mosteiro de São Bento da Bahia. Terminada sua formação monástica, o Padre Provincial, Fr. Clemente das Chagas, o enviou a São Paulo, onde fundou o núcleo inicial dos beneditinos na cidade. Mais tarde, chegou à cidade o Pe. Fr. Mateus da Ascensão, que edificou um mosteiro e formou o primeiro núcleo comunitário.

Assim que Pe. Fr. Mateus da Ascensão chegou, a Câmara Municipal doou, em 9 de maio de 1600, um pedaço de terra que se situava “no lugar mais ilustre da vila, depois do Colégio da Companhia”. Somente em 1634 as obras foram terminadas e constituídas em Abadia. A capela fora dedicada a São Bento. Posteriormente, a pedido do Governador da Capitania de São Vicente, D. Francisco de Sousa, grande benemérito dos beneditinos, foi mudado o patrono da capela paulistana para Nossa Senhora de Montserrat. E, cem anos depois, em 1720, a capela passou a se chamar Nossa Senhora da Assunção, título que se conserva até hoje. Em 14 de maio de 1635, o primeiro Visitador da Província, o espanhol Fr. Álvaro Carvajal, foi eleito o primeiro Abade de São Paulo.

Período colonial

Aclamação de Amador Bueno

O primeiro fato histórico significativo dos autos do mosteiro se deu em decorrência da proclamação do paulistano Amador Bueno de Ribeira como rei de São Paulo.

Após a separação das coroas lusa e espanhola, e iniciada a restauração do Reino de Portugal, em 1640, parte da população da cidade, em geral de origem espanhola, ao saber da aclamação de Luiz Dias Leme como rei da cidade de São Vicente, decidiu proclamar rei um de seus filhos mais ilustres. Alguns queriam permanecer fiéis ao reino de Castella, pois acreditavam que em breve estariam de novo sob sua autoridade. Mas, para não revelar a sua real intenção, esse grupo dizia proclamar apenas um filho de São Paulo como seu rei.

Amador Bueno, entretanto, percebendo a artimanha das famílias espanholas, não aceitou o convite. A massa, porém, já estava convencida de que essa era a melhor medida para a população paulistana, e chegaram a jurá-lo de morte, caso ele não aceitasse a coroa.

Ele, então, refugiou-se no Mosteiro de São Bento, protegido pelo Abade e pela comunidade monástica. Aos poucos, os religiosos foram acalmando a população, que desistiu de fazer o que planejavam.

No atual Palácio dos Bandeirantes, sede do governo do Estado de São Paulo, na sala chamada Imprensa, há um quadro que retrata esse episódio, ilustrando a fachada do mosteiro, a população e a comunidade monástica diante do edifício.

O benemérito Fernão Dias Paes

O mosteiro de São Paulo ainda era muito pequeno, e a capela já não comportava todas as pessoas que a visitavam para receber a assistência dos monges. O Abade do Mosteiro do Rio de Janeiro, em 1646, pediu, então, à Câmara Municipal de São Paulo, auxílio para os monges paulistanos, que estavam em paupérrima situação. É Fernão Dias Paes quem se prontifica a construir uma nova capela e a ser o benemérito maior do mosteiro. Em troca do auxílio prestado à abadia, ele pede apenas que seus restos mortais e de sua família fossem depositados na nova capela, depois de morrerem.



Deliciosas guloseimas

Além de famosos pelo notável talento com a música, os monges beneditinos também fazem sucesso por seus dotes culinários. Os quitutes produzidos por eles rendem longas filas formadas diariamente na entrada da igreja. Em questão de minutos, as fornedas de pão são bento (de mandioquinha), do bolo santa escolástica (de maçã e nozes), e do bolo dos monges (de ameixa e banana) desaparecem.





A construção do edifício atual levou 11 anos: esculturas valiosas e raras e detalhismo primoroso

Fotos: Maurício Cosentino

Período da Restauração

No fim do século XIX, assim como toda a Congregação Beneditina Brasileira, o Mosteiro de São Bento, de São Paulo, encontrava-se em condição precária. Sobraram apenas o velho Abade, Fr. Pedro da Ascensão Moreira, e um funcionário. Esta situação decorreu do fato de uma lei do governo brasileiro, na primeira metade do século XIX, que determinava fechar os noviciados de todas as ordens religiosas.

No final do mesmo século, muitas pessoas já especulavam sobre o destino das dependências do Mosteiro. Ele já estava sendo utilizado para fins municipais e, como os demais mosteiros da congregação, não tinha a mínima condição de retomar a vida monástica, receber e formar novos integrantes.

Em 1890, o cardeal Rampolla chegou a solicitar a sua doação ao então Abade Geral, Fr. Jenuíno da Conceição Mattos, para a arquidiocese local. Pretendia-se fazer um pensionato de meninas. Mas, a partir de 1900, a situação muda. Neste ano, chega o primeiro monge restaurador no mosteiro, Dom Miguel Kruse. O antigo Abade havia acabado de falecer. Dom Miguel resgatou os bens da antiga comunidade beneditina, que, àquela altura, estavam nas mãos do Estado, e deu início à restauração.

Dom Miguel Kruse

Natural da Westfália, na Alemanha, Dom Miguel Kruse é apontado como a figura beneditina mais notável do século XX

Em julho de 1900, D. Miguel Kruse assumiu a direção do mosteiro e, com um trabalho exemplar, iniciou um novo período na história de São Paulo. Seus primeiros esforços foram para dotar o mosteiro de um bom colégio secundário. Surgiu assim, em 1903, o Colégio de São Bento, que este ano completa seu centenário. Um pouco mais tarde, em 1908, ele fundou a faculdade de Filosofia, que seria a primeira do Brasil. Em 1911, mais um projeto pioneiro: Dom Miguel instalou a primeira abadia de monjas beneditinas da América do Sul, o Mosteiro de Santa Maria.

Foi também de iniciativa de D. Miguel Kruse a demolição do antigo edifício do mosteiro e da igreja em 1910, e construção do atual edifício, juntamente com a construção de um novo prédio para o colégio. Quatro anos mais tarde, em 1914, estava completo o conjunto beneditino que conhecemos hoje, abrangendo a Basílica de Nossa Senhora da Assunção, o Mosteiro e o Colégio de São Bento – marco histórico, cultural e turístico de enorme importância não só para São Paulo, mas para o Brasil.

Em 1929, Dom Miguel falece. Seus restos mortais foram enterrados no claustro do mosteiro. Por seu próprio pedido, em sua lápide se lê: *dilexit ecclesiam*, ou seja, “Amou a Igreja”.

Os Abades posteriores

Após a morte do Dom Abade Miguel Kruse, em 1929, assumiu a direção da abadia o então eleito Dom Abade Domingos Schelhorn, de origem alemã, que veio auxiliar a Restauração da Ordem. Quando ele morre, é a vez de Dom Paulo Pedrosa, natural de São Paulo, assumir a abadia. Em seguida, assume Dom Tito Marchese, advogado paulistano, que teve uma morte prematura, e foi sucedido por Dom Joaquim de Arruda Zamith até 1989. O Abade Dom Isidoro Oliveira Preto assumiu o governo da abadia de 1989 até 2001, quando foi eleito Dom Luiz César de Proença, o atual superior da comunidade beneditina de São Paulo.



“O gregoriano é, sobretudo, oração”



Quem pensa que o canto gregoriano se resume a um estilo musical, engana-se. Para entender o papel do canto na vida dos monges, confira a entrevista concedida por Dom João Evangelista

Dom João Evangelista tem 28 anos e ingressou na vida monástica aos 20. Até os 16 anos, quase não freqüentava a Igreja. Nesta idade, atendendo a um pedido de sua mãe, ele fez a Crisma e começou a ir à Missa todos os domingos. Aquilo lhe fazia bem, mas àquela altura ele não se considerava um vocacionado à vida monástica. Chegou a servir o Exército, prestar vestibular... Tudo caminhava para um rumo bem comum à vida de qualquer jovem. Dom João pensava em casar e ter filhos, mas, depois de fazer um retiro de dois dias, as coisas começaram a mudar: a oração passou a ser algo mais cotidiano em sua rotina. Em 1995, ele conheceu o Mosteiro de São Bento e teve a maior certeza de sua vida: era aquilo o que buscava. Hoje é um dos 48 monges da comunidade e um dos admirados cantores do coro do Mosteiro.

Quantos monges compõem o coro do mosteiro e como é feita a escolha daqueles que fazem parte?

Nossa comunidade tem 48 monges e todos cantam, porque o coro não é simplesmente uma apresentação. É, na verdade, o momento em que a comunidade monástica se reúne para a oração. Então, não tem sentido deixar algum Irmão de fora. Ainda que um cante um pouco melhor do que outro, não é a capacidade vocal de cada um que está em jogo.

E como os monges aprendem a cantá-lo?

Nós passamos por uma preparação, fazemos técnica vocal. O canto gregoriano é bem diferente das músicas a que nossos ouvidos estão acostumados. Ele é modal e não tonal. Na verdade, não é fácil cantá-lo, porque há uma amplitude de notas muito grandes. Nós vamos do agudo ao grave muito rápido, os pulos de notas são grandes. Antes da missa, fazemos um ensaio de voz diário, para estarmos aptos a cantar o gregoriano. Há uma necessidade de educação da voz pela qual todos os monges devem passar.

Como são feitas as composições dos cantos?

Os cantos, na maioria, são trechos da Bíblia em latim. É uma melodia em função do texto. Necessariamente o latim porque ele apresenta uma ordem sintática diferente das outras línguas. Se o texto é traduzido para o português, eu acabo valorizando uma outra frase que o texto latino não valoriza. O latim faz com que o texto se apresente com mais força para o nosso espírito. Algu-

mas composições são mais recentes, como o Credo, por exemplo, mas a maioria dos cantos data do século XII.

O cantor de gregoriano deve necessariamente ser um religioso?

Não, não é bem assim. O gregoriano é um canto difícil, que exige preparo, talvez por isso não seja um tipo de música muito cantado por aí. Na verdade, é difícil até se acostumar a ouvir o canto, quanto mais reproduzi-lo. Apesar de ser um tipo de música muito admirado, cantá-lo é um desafio maior que exige uma dedicação cotidiana. O gregoriano é considerado ainda hoje a música oficial da Igreja, mas não há qualquer restrição para que pessoas de fora dela o cantem.

O acompanhamento do órgão nos cantos gregorianos não os descaracterizam, afinal, em sua essência, eles eram cantados sempre “a capela”?

Eu diria que não. Eu não saberia lhe dizer quando o gregoriano passou a ser acompanhado pelo órgão, mas diria que já na Idade Média houve muitas experiências que inovaram o modo de se cantar gregoriano. Acredito que o gregoriano permite algumas incursões que de modo algum o desvirtua. É claro que precisamos sempre ter equilíbrio e bom senso. O acompanhamento de instrumentos muito fortes, por exemplo, não seria adequado. O importante é que, sobretudo, o gregoriano permaneça sendo um momento de oração.

O coro dos Monges de São Bento, em missa solene, comemorando o centenário do colégio São Bento





Vida
monástica:
trabalho
e oração

Silêncio e disciplina são coisas comuns na vida dos monges de São Bento. Dentro dos claustros do mosteiro, eles dividem seu tempo entre trabalho e oração. Com um estilo de vida oposto ao da maioria, eles têm muito a ensinar. Confira!

Seguindo a tradição beneditina, a Comunidade do Mosteiro paulista de São Bento vive de acordo com a Regra de São Bento. Conforme diziam os monges da Idade Média, interpretando o espírito da Regra, o lema de São Bento eraa “*ora et labora et legere*”, que significa “ora, trabalha e leia”. Essa máxima vem de encontro com uma aspiração fundamental da vida monástica em geral: uma vida de total entrega a Deus por meio da contemplação, cuja a oração é sua principal expressão.

Vida monástica

Quando o candidato entra no mosteiro, ele se torna postulante: participa da vida corrente do noviciado e da disciplina comum de todos os monges. Nesse período, que se estende até seis meses, ele conhece mais de perto o ritmo de vida que irá possuir.

Passados estes meses, ele pode ser admitido ao noviciado – tempo especial de aprendizado de si e da vida monástica, em que tem a oportunidade de conhecer melhor a tradição a que ele se vincula, bem como da própria vida cristã. É um período muito intenso de formação. Dura dois anos, sendo que no segundo, o vocacionado precisa iniciar seus estudos acadêmicos, principalmente a filosofia, para aqueles que se orientam à ordenação sacerdotal.

Terminado o noviciado, o Irmão – como é chamado pelos membros da comunidade – pode professar por três anos os votos monásticos: conversão dos costumes, obediência e estabilidade no mosteiro. O primeiro voto diz respeito à vida monástica em geral. O segundo, à obediência aos superiores e aos Irmãos, buscando principalmente o que é melhor para os outros e não somente para si mesmo. Por fim, o terceiro voto propõe a adesão exclusiva do monge ao seu mosteiro de origem, ou seja, é

somente lá que ele irá progredir na vida monástica, sem que o seu coração se ocupe em buscar outras oportunidades em outros lugares.

Ao término destes três anos, o Irmão pode deixar o mosteiro sem qualquer vínculo. Ou pode também professar em caráter perpétuo o estilo de vida monástica, e assim progredir sempre mais, à estatura de Cristo, nos claustros do mosteiro. Optando por permanecer, ele fará sua profissão solene e consagração monástica, vinculando-se permanentemente à comunidade que o acolheu, e assim, podendo cumprir o desejo de São Bento, de que Cristo “nos conduza juntos à vida eterna!”

A disciplina

São Bento não pretendia formular uma regra monástica que primasse simplesmente pelo rigor da observância dos monges. Antes de tudo, ele pregava uma vida de sobriedade e humildade, em que o monge chega ao cume das virtudes e da contemplação.

Com isso, São Bento permitia que um número maior de pessoas pudesse ingressar na vida monástica. Para ele, o mosteiro deve ter tudo o que os fortes desejam e os fracos não fujam.

Na comunidade monástica, os elementos mais notórios da rígida disciplina são os momentos em que os monges se reúnem ao longo do dia para oração, os horários de refeições em comum e alguns costumes, como o silêncio em lugares regulares e após as chamadas Completas, a última hora canônica do dia em que todos rezam em conjunto. Mas, de tudo, o que mais impressiona mesmo é a clausura. “*A vida nos claustros convida a pessoa a enfrentar as suas dificuldades, buscando o crescimento espiritual. Se há necessidade, saímos, mas não é uma escolha que depende da vontade de cada um. Se podemos ficar no mosteiro, melhor*”, explica o monge Dom João Evangelista.

A hierarquia

O regimento interno de um mosteiro beneditino é muito simples. Pode-se resumir-lo na organização de uma vida em comunidade sob uma Regra e um Abade. O Abade faz as vezes do pai espiritual e do superior na comunidade – São Bento lhe reserva dois capítulos em especial. O Abade atual do Mosteiro de São Bento de São Paulo é o Dom Luiz Cesar de Proença, eleito em 17 de julho de 2001 e abençoado em 15 de agosto do mesmo ano. Duas outras funções importantes na comunidade são a do Prior, Dom José Rodrigues Leandro da Costa, e a do Subprior, Dom Cláudio da Silva Correa.

O cargo de Abade é vitalício, à semelhança do bispo diocesano: após os 75 anos, ele resigna, e é eleito um outro Abade por voto direto dos integrantes da comunidade.

No mais, os Irmãos seguem-se em ordem monástica segundo a data em que ingressam no mosteiro. Em todos os casos, São Bento lhes prescreve a obediência aos superiores e recomenda a obediência mútua, sendo que os mais novos respeitem os mais velhos e os mais velhos amem os mais novos. Nesse espírito, os monges devem se rivalizar na solicitude mútua, de modo que não façam nada que julguem melhor apenas para si, a fim de que se cumpra em tudo a máxima de seu fundador, de que “nada, absolutamente nada, anteponha o amor de Cristo”.

O trabalho

De acordo com estudiosos, um dos desejos de São Bento era que o monge encontrasse no Mosteiro o seu sustento, de tal maneira que se evitasse a saída habitual dos claustros monásticos. *“O recolhimento facilita a busca pelo crescimento espiritual e nos aproxima de Deus”*, diz Dom João, que prossegue: *“Aqui no mosteiro, nós trabalhamos com educação, atividades administrativas, atendimento às pessoas, alguns projetos assistenciais, etc. Os monges têm uma gama muito variada de trabalhos. Ocupações não faltam.”*

O processo formativo

Antes de um candidato ingressar no mosteiro, ele passa por um processo de acompanhamento vocacional, que tem por objetivo checar sua vocação religiosa e, especificamente, monástica. *“É preciso ter bastante segurança de que há vocação e de que o candidato está preparado para seguir o espírito e o ritmo de vida do mosteiro”*, ressalta o monge.

A interiorização, por exemplo, não é algo que faz parte da vida cotidiana de algumas pessoas, mesmo cristãs, e para muitas pode ser um exercício pesado demais. Por isso, o espírito do vocacionado deve estar muito pronto para vencer essa tendência à dissipação. *“Os monges entram em um mosteiro e têm de ficar nele para o resto da vida. Por isso, a decisão deve ser bem firme e consistente”*, finaliza Dom João.

A liturgia

Como é próprio da tradição beneditina, os momentos de oração em comum são caracterizados pela liturgia católica: a recitação do Ofício Divino, ou Liturgia das Horas, e a participação na Santa Missa. O zelo pela oração em comum fez com que os mosteiros fossem conhecidos pela liturgia bem celebrada. Desde a pontualidade na realização dos Ofícios quanto à sobriedade e solenidade com que são celebrados, atraem um grande número de pessoas à liturgia do Mosteiro de São Bento de São Paulo, especialmente às missas de domingo.

Dia-a-Dia dos monges

Assim se divide o dia na comunidade monástica de São Bento, em São Paulo

5h	Hora de acordar
5h30	Ofício de Laudes
6h15	Meditação
7h	Santa Missa
11h45	Ofício da Hora Meridiana
12h	Almoço
17h25	Ofício de Vésperas
18h	Jantar – Em seguida, um momento de confraternização entre os monges
19h	Ofício de Vigílias, em seguida, o de Completas; após, segue-se o silêncio monástico, no qual todos devem observá-lo até o término da Missa do dia seguinte.

Fonte: www.mosteiro.org.br



Publicações da Editora Guia do CD

Cantos Gregorianos: o que são e como estão divididos

O canto gregoriano é geralmente utilizado a serviço das práticas litúrgicas: dos ofícios e da missa.

Os ofícios consistem, basicamente, na entoação dos salmos que são cantados pelos monges nas chamadas horas canônicas, denominadas: matinas, laudas, primas, terças, sextas, nonas, vésperas e completas.

A missa, o ato mais importante da Igreja Católica, apresenta uma parte fixa, "o ordinário", e outra parte, suprimível ou executada de acordo com a época do ano litúrgico, "o próprio".

Kyrie, Glória, Credo, Sanctus, Agnus Dei e Ite missa est ou Benedicamus Domino compõem o ordinário. Tais peças são utilizadas em várias missas, por exemplo, nos domingos, no tempo da Páscoa, nas festas de Nossa Senhora, etc.

Intróito, Gradual, Aleluia ou Tracto (cantado durante a Quaresma), Ofertório e Comunhão compõem o próprio. Estes são os cantos que tornam uma missa diferente da outra.

O idealizador

Os cantos que você escuta neste CD foram gravados pelo engenheiro Luís Henrique Camargo Quiroz, direto do Mosteiro de São Bento. Em uma breve entrevista a *Cantos Gregorianos*, ele contou o porquê desta iniciativa e explicou o que os cantos representam em sua vida:

"Conheci os cantos gregorianos em 1995, no próprio Mosteiro de São Bento e me apaixonei. A partir de então decidi estudá-los para poder cantar e não só admirar as músicas. Pensei: 'Vou baixar alguns cantos na Internet e ficar escutando para treinar.' Ao buscar arquivos, para minha surpresa, não encontrei nada. Diante disso, resolvi gravar os cantos e os disponibilizá-los na rede para ajudar outras pessoas. Foi aí que fiz o site www.christusrex.org/www2/cantgreg", explica Luis Henrique, que acrescenta: "Interessei-me pela beleza dos cantos e por ser um tipo de oração especial. Como eu queria conhecer melhor os cantos, perguntei para os monges se havia alguma pessoa para me ensinar. Ele me indicou uma freira e eu ingressei no coral, do qual ela era regente. Fiquei lá por dois anos e aprendi muita coisa".

Luís Henrique Camargo Quiroz: o autor das gravações dos cantos que você ouve neste CD



Serviços

Cantos Gregorianos no Brasil

Em nosso País, o canto gregoriano está quase que restrito aos monges, especialmente dos mosteiros beneditinos. Veja os principais:

MOSTEIRO DA RESSURREIÇÃO, PONTA GROSSA (PR)
Tel.: (42) 228-0043

MOSTEIRO DE SÃO BENTO, SÃO PAULO (SP)
Largo de São Bento, s/nº - Centro
São Paulo/ SP
Tel.: (11) 228-3633
Site: www.mosteiro.org.br

MOSTEIRO DE SÃO BENTO, RIO DE JANEIRO (RJ)
Tel.: (21) 2291-7122
Site: www.osb.org.br
E-mail: msb.rj@openlink.com.br

MOSTEIRO SÃO GERALDO, SÃO PAULO (SP)
Tel.: (11) 3742-1888
Site: www.msg.org.br
E-mail: asg@csasp.g12.br

MOSTEIROS DE OLINDA (PE)
Tel.: (81) 3429-3288
E-mail: saobento@ars.com.br

MOSTEIRO DE GARANHUNS (PE)
Tel.: (81) 3761-1592
E-mail: msb-grs@bluenet.com.br

MOSTEIRO DE SALVADOR (BA)
Tel.: (71) 322-4744
E-mail: mosteiro@email.com.br

MOSTEIRO DE BRASÍLIA (DF)
Tel.: (61) 367-2949
Site: www.msbento.org.br
E-mail: msbento-bsb@bol.com.br

Fora dos mosteiros existem poucos corais que se propõem a resgatar e divulgar a música gregoriana. Alguns grupos conhecidos são:

CORAL GREGORIANO DE SANTOS
Site: <http://intermega.com.br/gregoriano/>
O coral é patrocinado pela Pontifícia Universidade Católica de Santos (SP) e é formado, em sua grande maioria, por ex-seminaristas do Seminário de Bom Jesus de Pirapora, no estado de São Paulo. Além da música gregoriana, o coral canta, também, música polifônica sacra.

CORAL GREGORIANO DE BELO HORIZONTE
Site: www.gregoriano.org.br
Fundado em 1990, o coral é um dos raros grupos no Brasil que canta, exclusivamente, em gregoriano.

Saiba mais sobre o Mosteiro de São Bento:

LIVROS

- "A Ordem de São Bento no Brasil quando Província: 1582-1827", José Lohr Endres, OSB.
- "História antiga da Abadia de São Paulo", Affonso de E. Taunay.
- "D. Miguel: um grande abade beneditino", Michael Emílio Scherer, OSB.



Top Editora é uma empresa do grupo **Digerati Comunicação e Tecnologia Ltda.**
Rua Haddock Lobo, 347 - 12º Andar
CEP 01414-001 São Paulo/SP
Fone: (11) 3217-2600 Fax: (11) 3217-2617
www.digerati.com.br

Diretores:

Alessandro Gerardi gerardi@digerati.com.br
Luis Afonso G. Neira afonso@digerati.com.br
Alessio Fon Melozo alessio@digerati.com.br

Diretor Comercial:

René Luiz Cassettari rene@digerati.com.br
Representante Comercial nos EUA:
Multimedia, Inc - Tel. + 1-407-903-5000 Ext.222 Fax +1-407-363-9809
Fernando Mariano fmariano@multimediausa.com

Marketing:

Érica V. Cunha, Simone Siman, Carlos Ignatti,
José Antonio Martins

Recursos Humanos:

Viviane Cardoso viviane@digerati.com.br

Logística de Produção:

Pierre Abreu pierre@digerati.com.br

Tecnologia da Informação:

Flavio Tâmega flavio@digerati.com.br

Impressão e Acabamento

Oceano Indústria Gráfica Ltda.

Fone: (11) 4446-6544

Distribuidor Exclusivo para bancas de todo o Brasil

Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

Fone: (21) 3879-7766

Atendimento ao Leitor

Fone: (11) 3217-2626 (9h às 21h)

www.digerati.com.br

suporte@digerati.com.br

Marcos Raul de Oliveira,

Eduardo Rodrigues, Rodrigo França e Thiago Fernandes

Atendimento de Vendas

Fone: (11) 3217-2600

Simone Araújo

vendas@digerati.com.br

Cantos Gregorianos

Diretor Editorial: Alessio F. Melozo
alessio@digerati.com.br MTB 026412

Editor-chefe: Romário de Oliveira

romario@digerati.com.br

Editora: Fabiana Oliveira

fabiana@digerati.com.br

Direção de Arte: Patrícia Barboni

patricia@digerati.com.br

Arte: Gláucia Carraro de Campos e Maurício Costato

Revisão: Priscila Cassettari e Cintia Yamashiro

ATENÇÃO

. As matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião da revista.

. É proibida a reprodução total ou parcial dos artigos sem prévia autorização do conselho editorial.



NO CD

Cantos de louvor e exaltação que fazem parte dos ofícios e das missas, as práticas litúrgicas do Mosteiro de São Bento

Você vai ouvir salmos cantados pelos monges, orações como o Pai Nosso e a Ave Maria, peças utilizadas nas missas dominicais, hinos especiais de aclamação, enfim, canções que vão alimentar o seu espírito!

Entenda mais

In Assumptione Beatæ Mariæ Virginis ad II vespæras
Vésperas da Assunção
Em homenagem à Nossa Senhora da Assunção, padroeira da Basílica de São Bento

Dominica Pentecostes ad Missam in die
Missa de Pentecostes: período festivo para a Igreja Católica, vem logo depois da Páscoa

Hebdomada vigesima quarta Dominica
Missa dominical: 24º domingo do tempo comum

Hebdomada decima octava Dominica
Missa dominical: 18º domingo do tempo comum

Faixas:

Cantos de 1 a 17 gravados nas Vésperas da Assunção (*In Assumptione Beatæ Mariæ Virginis ad II vespæras*)

1. Introitus – organum
2. Psalmus 109, antiphona *Assumpta est Maria*
3. Psalmus 112, antiphona *Maria Virgo assumpta est*
4. Psalmus 121, antiphona *In odorem unguentorum*
5. Psalmus 126, antiphona *Pulchra es et decora*
6. Hymnus: *Ave, Maris stella*
7. *Benedicamus Dominum*
8. *Deus, in adiutorium*
9. *Kyrie, Pater noster, Dominus*
10. *Lectio brevis*
11. *Magnificat*
12. *Panem de cælo, Deus qui nobis*
13. *Ecce panis*
14. *Assumpta est Maria*
15. *Tantum ergo VII*
16. *Te laudamus, Domine*
17. *Finalem – organum*
18. *Alleluia, psallite*
Uma forma de aclamação que pode estar presente nas horas canônicas e em missas especiais
19. *Alma Redemptoris Mater*
Hino de Nossa Senhora cantado nas completas (última hora do dia em que os monges se reúnem para oração)

20. *Ave, Maria*
É a conhecida oração em forma de canto

21. *Ecce nomen Domini Emmanuel*
Canto que acontece após a bênção e faz parte normalmente da véspera (hora canônica que acontece no final da tarde)

22. *Pater-noster*
A mais importante das orações, está presente tanto nas missas dominicais quanto nas especiais

23. *Regina Cæli*
Hino de Nossa Senhora cantado nas completas

24. *Salve Regina*
Hino de Nossa Senhora cantado nas completas

25. *Sequentia: Veni Sancte Spiritus*
Dominica Pentecostes ad Missam in die

26. *Communio: Factus est repente*
Dominica Pentecostes ad Missam in die

27. *Introitus: Spiritus Domini (cum Gloria Patri)*
Dominica Pentecostes ad Missam in die

28. *Ite missa est*
Dominica Pentecostes ad Missam in die

29. *Confirma hoc, Deus*
Dominica Pentecostes ad Missam in die

30. *Timebunt gentes (Alleluia)*
Hebdomada vigesima quarta Dominica

31. *Benedicamus Dominum*
Hebdomada decima octava Dominica

